

Dalton Camargos



Júlia Costa*

Há três anos, o artista visual e cineasta Lino Valente iniciou um estudo sobre os rios que cortam o Distrito Federal e que, pela urbanização do espaço, foram aterrados ou canalizados. Dessa percepção surgiu *Na cidade mora um rio*, exposição fotográfica que retrata a saudade e efemeridade a partir da questão ambiental, que está em cartaz no Museu da República até 15 de fevereiro. A entrada é gratuita, e a visita fica aberta de terça-feira a domingo, de 9h às 18h30.

Com fotografias, videoinstalação e projeções, os dois temas retratados ficam evidenciados pela passagem gráfica do tempo e paisagens impressas. “O artista fez esta série concebida com muita coerência estética e alicerçada numa poética muito ousada para educar nossa visão quase sempre viciada em olhar as coisas como elas são, e não vislumbrar de forma imagética o corpo da transcendência”, conta Bené Fonteles, curador da mostra.

Usar a ideia dos rios para representar a passagem do tempo, explica Lino Valente, surgiu de forma “natural”

O ARTISTA PLÁSTICO E CINEASTA LINO VALENTE APRESENTA EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA SOBRE OS TEMAS DA SAUDADE E DA EFEMERIDADE, A PARTIR DA QUESTÃO AMBIENTAL

RIO DE LEMBRANÇAS

DALTON CAMARGOS



DIVULGAÇÃO



“Para mim, o rio sempre foi uma metáfora do tempo: ele existe em movimento, muda sem parar, leva e traz, desaparece e reaparece. Ao observar um rio dentro da cidade, percebi que ele carrega duas camadas inseparáveis: a vida natural que resiste e a fragilidade de tudo o que passa”, explica.

As instalações surgem da percepção do que nos escapa com o tempo e o que se

revela apenas quando “desaceleramos”. “O trabalho foi um diálogo constante de observação e pensamento, uma forma de interpretar silêncios e ausências, de manter o olhar desatento ao relógio e atento à natureza das coisas”, diz Valente.

Os rios são integrados à exposição a partir da ideia da ausência, ou, de outra forma, “pela ideia de presença invisível”. “Uma frase

do Guimarães Rosa me acompanhou durante todo o processo: ‘o rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade’”, afirma o artista. “Essa magia, para mim, é um corpo que insiste em permanecer, mesmo quando não o vemos. Nos trabalhos, essa presença se revela de maneira sensível: não mostro o rio diretamente, mas deixo que ele apareça nas lacunas, nos vestígios,

nos movimentos de luz e memória”, resume.

*Estagiária sob a supervisão de Severino Francisco

SERVIÇO

Na cidade mora um rio De Lino Valente. Até 15 de fevereiro, no Museu da República. Visita de terça-feira a domingo, de 9h às 18h30. Entrada gratuita.